

## PREÂMBULO

### IMAGEM SOCIAL

Limitações, censuras, repressões nos cercam cotidianamente, desde que nascemos. Uma vigilância aguda, férrea, continua sobre nós, nossos juízos, vedando-nos exprimir o que é convencionalmente proibido, o tido como antissocial. Um clichê moral, cultural que se choca com nossos valores. A fim de nos equilibrarmos socialmente, mascaramos nossas condutas, buscamos manter uma imagem aceitável, palatável ante a conceituação alheia, privada ou pública.

Esse recalcue, tudo o que somos condicionados a esquecer, a não dizer, mesmo o não sabido, forma nosso inconsciente, fonte de nossa subjetividade, território de riscos, reino de complexos conteúdos – arcaicos, presentes, oníricos – pois que os sonhos são realizações disfarçadas, ilógicas de nossos desejos.

Revelamo-nos, no entanto, por nossos atos, por nossos ditos, nossas falhas, nas entrelinhas, nas inferências, nos equívocos cometidos, ainda que imperceptíveis, “sem querer”. Deixamos pistas para quem nos observa ou conosco convive, como cortinas ou cenários que se abrem, fugazes, salteadas, entremeio à exibição. Afloram súbita, inesperadamente, nos colocam em situações embaraçosas, ao dizermos algo “indevido”, ao externarmos gestos característicos, reais de nossos pensamentos, traindo-nos, portanto. Somos muito mais do que pensamos.

Nossas fronteiras e dimensões expandem-se além, quão além de nossa facie, acima das cabeças e montanhas. As vias internas nos são, por vezes, geralmente mágicas, tortuosas, arduas. Somos assaltados, conflitados, provocados entre o que somos de fato e o que deveríamos ser. Enfim, temos um estranho, um ser misterioso em nós, que nos incita, nos assusta, pois somos vigiados, avaliados naquilo que escondemos, nos mínimos lapsos – uma piada, uma troca de nomes, um esquecimento, um comentário, um jeito, um esgar, o alerta que falhou.

Obviamente, a autocensura é necessária em nosso processo existencial, na construção de nossa autoestima, nosso autoconhecimento, permitindo-nos um caminho de equilíbrio, de barreira às adversidades, aos ventos tão comuns à jornada humana. As soluções, os esclarecimentos sobre nosso ser estão, não no palco, na peça por nós encenada a cada temporada, no texto socialmente decorado, mas nos intervalos, bastidores, no não lido, quiçá nas entrelinhas...

## AO PÉ DA FOGUEIRA

### A SOLUÇÃO

Trabalhador braçal, jovem, vigoroso, habilidoso, solteiro, residente na zona rural, onde mourejava, de sol a sol, em companhia dos pais e irmãos também lavradores. Laborava no pequeno sítio da família e ainda para vizinhos – ordenha, limpeza de pastos, reparação de tapumes, até serviços de marcenaria. Enxada, plaina, machado, laço não eram segredos para o diligente moço, acostumado, desde criança, ao eito.

Ei-lo, em uma de suas domingueiras visitas à cidade, vítima de grave acidente. Atropelado em plena via urbana. Fraturas expostas do braço, costelas partidas. Invigilância do pedestre, inabilidade do motorista, ruas sem a devida sinalização, quem sabe?!... Hospitalizado, submetido a vários exames radiológicos e tantos outros, vê-se submetido à devida cirurgia. Dali a dias, braço grossamente engessado, dorso imobilizado, recebe “alta” hospitalar com a recomendação de máximo repouso, evitar excessos, uma série de remédios. E uma nova data de retorno para dali a 25 dias.

O rapaz, alquebrado física e psicologicamente com o acidente, transtornado, se perturba. Como ficar parado, imobilizado durante semanas, mês, para ele que jamais ficara um só dia à toa?! Como sobreviver se não tinha carteira assinada que lhe permitisse requerer auxílio doença, ele que só tinha os braços como única ferramenta para o ganha pão?! Como custear medicamentos, pois vários deles não eram fornecidos pela farmácia pública?! E as despesas com a estadia na cidade, uma vez que sua família não possuía casa própria urbana?!

Os pais, percebendo o nível de angústia do filho, buscam ajudá-lo. Alugam casa e mudam-se eles próprios para a cidade para assistência direta ao filho, tão afligido. Tentam alegrá-lo, ocupar o tempo, motivá-lo. Adquirem televisor, aparelho de som. Vencidos os 25 dias de “estaleiro”, apresenta-se ao médico. Retirado o gesso, o médico se surpreende. Detectada incorreção cirúrgica e infecção. Seria necessária nova, inadiável cirurgia e para já. O que é feito. O rapaz, após a nova operação, se desespera de vez. Problemas financeiros, inatividade atormentam-no. A depressão toma conta, se aprofunda. “Mais uns 6 meses parado...” conclui. O atropelador se distanciara do problema, fizera-se de “bobo”.

O jovem começa a falar em autoextermínio, para desespero dos familiares. Os pais, percebendo ou melhor pressentindo a catástrofe, as nuvens do vendaval se avolumando, o filho desviado pela revolta, redobram os cuidados, buscam o apoio das autoridades – tratamento psicológico mais amplo, uma terapia ocupacional, mesmo internação em clínica especializada. Pouco ou nada se faz. Uma tarde, escapulindo à vigilância familiar, o moço mune-se de uma corda, dependurando-se numa árvore nas proximidades da residência. As autoridades informadas, competentes, omissas como de sempre, tomam heroica decisão: funcionários são reunidos, munidos de ferramentas, motosserras, resolvem o problema: - Cortam a árvore!



# ADIVINHAS

- 1- Por que o marinheiro boboca foi impedido de trabalhar no submarino?
- 2- Qual o sobrenome que racha madeira?
- 3- Por que é que as pessoas que fazem previsão de tempo são tão distraídas?

Respostas: 1- Porque ele gostava de dormir de janelas abertas; 2- Machado; 3- Porque vivem com a cabeça nas nuvens.

## Provérbios e A dágios

- É amarelo porque come barro.
- Quem sai aos seus não degenera.
- Feliz quem não precisa bater à porta de hospital e tribunal.
- A mentira sempre procura imitar a verdade.

### Para refletir:

- O silêncio é a única linguagem do homem realizado. Pratique a moderação no falar. Isso irá ajudá-lo de muitas formas, desenvolvendo, inclusive, o amor divino, pois muitos desentendimentos e separações surgem de palavras descuidadas. Quando seus pés escorregam, a ferida pode sarar; mas, quando a língua escorrega, a ferida causada no coração de outros durará por toda a vida. A língua é responsável por quatro grandes erros: falsidade, escândalo, encontrar faltas nos demais e falar em demasia. Todos esses males devem ser exterminados para que exista paz para o indivíduo, bem como para a sociedade. *(Sai Baba)*.
- O conformismo é o carcereiro da liberdade e o inimigo do crescimento *(John Kennedy)*.
- O que consideramos um grave defeito nos outros, muitas vezes deixamos de ver em nós mesmos *(Eva Pierrakos)*.

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Patricia Dayany Carvalho

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (horário comercial)

Falar com Patrícia Dayany Carvalho

## COMENTÁRIOS

I – Técnicos que viajam, a serviço, pela zona rural, vêm observando o pauperismo, quando não o desleixo em muitas propriedades. Áreas inteiras semiabandonadas, cercas mal cuidadas, sedes e instalações descuidadas, sem conservação, algumas com ameaças de desmoronamento, poucos moradores (muitos vão ali periodicamente, outros apenas para a ordenha ou vistoria do gado)

Efeitos do êxodo rural, do abandono a que foi relegado o campo, por parte das autoridades. Assistência técnica e social deficientes, para não dizer inexistentes. - Ah, que bons tempos da antiga ACAR, foi o que mencionou um antigo morador da zona rural. Um Estado falido, desmoralizado, a serviço de privilegiados em todos os poderes e que hoje sequer arrecada para pagar salários, deixando, ao léu, à própria sorte, os contribuintes esfolados, em particular pequenos e médios produtores rurais e empreendedores urbanos. Entidades sindicais, classistas também, em sua maioria, inoperantes, pouco – ou nada – atuando em prol de seus associados. Há honrosas exceções, como constatado em cidades como Barbacena, Senhora dos Remédios, Alto Rio Doce, com excelentes serviços sindicais e associativistas prestados, e nos quais as lideranças de nosso meio deveriam se espelhar.

II – Ouvem-se, ora e outras, comentários sobre desmatamentos, obviamente clandestinos e criminosos, promovidos por irresponsáveis e que, eventualmente, são autuados pelas autoridades ambientais. Há algum tempo, ouvimos notas sobre proprietário que desmatou nascentes, derrubou árvores centenárias e de lei, dentre elas dezenas de pequizeiros, tendo sido devidamente incriminado (geralmente multas).

Pensamos: a todo momento, fala-se e comprova-se a estiagem, falta e até racionamento de água, represas vazias comprometendo a produção de energia elétrica, baixa umidade do ar, crise climática e nossos “bonitões”, nossos “piratas” desmatando, poluindo... O que leva um cidadão, em pleno século XXI, a cometer absurdos dessa natureza?! Ignorância? Má fé? Abuso? Autoritarismo? Ganância? Loucura? Ingenuidade? Mentalidade coronelista? Crueldade?

Seja o que for, o mundo e as pessoas ainda terão muito o que aprender, o que sofrer. Assassinaamos rios, florestas; pestilienciamos o ar e o solo; atiramos lixo às ruas; entupimos bueiros; implicamos e acabamos – com o apoio vergonhoso de autoridades – com a qualidade de vida diária, abatendo árvores de nossas já desnudas vias públicas. Enfim, destruímos nossa própria casa, o planeta que nos abriga, há milhares e milhares de anos.

O caso de vereadores e prefeitos que aprovam loteamentos sem a exigência de áreas para parques, espaço viário, sacrificando as gerações atuais e as próximas. Empresários sem escrúpulos, loteando até mananciais de água. Locais que, pode-se, à distância, um dia foram mananciais, portanto de proteção permanente, intocável, tornaram-se lotes. Sequer cursos ou margens de rios são respeitados. A fome de dinheiro, sequer um palmo pode-se perder. Vendilhões do templo, como diz o Evangelho.

A conta, um dia, chegará. E quem irá pagá-la, em sua totalidade, com pesados juros, serão os futuros moradores, os que virão depois de nós...E também o Poder Público que terá de desapropriar áreas para implantação de jardins, escolas, centros de saúde que as administrações anteriores deixaram de exigir, se omitiram.

Pesquisas científicas e governantes idôneos têm alertado que o nível de devastação já é tão alto que a Terra não resiste mais. E ainda há os insensatos, em todos os níveis, desde pequenos até graúdos a prosseguirem na insana destruição.

III – Há um grande número de pessoas sem afirmação pessoal e social, que nada tem a perder. Que sequer sabem o porquê e para que nasceram, qual a sua função no mundo. Muitos são produtos de uma sociedade que lhes nega perspectivas de vida, onde desinvestimentos em educação, saúde, saneamento, trabalho, segurança são notórios; do baixo preparo educacional (escolaridade), de qualificação profissional, oriundos de lares desajustados. Outros são até poderosos: políticos, autoridades de todos os níveis, empresários, que administram em causa própria, numa trama de corrupção jamais vistos, apropriando-se do festim público, fazendo, assim, com que milhões vivam na pobreza, na marginalidade, numa geração contínua e crescente de problemas sociais bombásticos, verdadeiros barris de pólvora!

Há os donos do Estado, a nobreza que manipula leis e governantes, com os mais altos e extravagantes salários, vantagens e benesses as mais absurdas, locupletando-se enquanto milhões de desempregados se desesperam, milhões de aposentados que recolheram sagradamente suas contribuições à Previdência hoje amargam misérias, migalhas, a mais funda humilhação...

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



# Fazenda “Ponte Nova”

Os enormes blocos de pedras de cantaria, esculpidos por habilidosos escravos, e remanescentes da outrora majestosa casa sede, atestam dramáticos fatos aí ocorridos em idos tempos.

Reza a oralidade que o proprietário de então, aí por fins do séc. XVIII e inícios do séc. XIX, senhor de vastos domínios, era um entusiasta de equitação, dedicando-se junto aos peões, à seleção, amanso, adestramento e cavalgadura de cavalos.

Tal paixão estendia-se igualmente aos bovinos – os esmerados cuidados com bois de carro, cujas juntas luzidias, aparelhadas enchiam-no de orgulho. O rebanho, com centenas de cabeças, contava, por sua vez, com excelentes reprodutores. Tinha ele algumas filhas jovens e educadas dentro de rígidos princípios de então.

Contratara ele, certa feita, um peão – vindo de longe – com o objetivo de cuidar do plantel de equinos. Tratava-se de moço esbelto, galante e que viria, na surdina, envolver-se com uma das filhas do coronel.

Descoberto o romance, grávida a moça - e de gêmeos - o sedutor

é barbaramente assassinado por ordem do pai afrontado. A jovem, segundo variadas versões, teria morrido no parto, ou fora obrigada a abortar ou assassinada ou teria se suicidado, morrendo igualmente as crianças, não se sabe em que condições.

A fazenda tornara-se, desde então, em palco de manifestações paranormais, símbolo e referência de assombrações. Choros convulsos, lancinantes de mulher e principalmente de crianças. Gritos torturantes que assustavam moradores e viajantes. Um lavrador, aí pelos anos de 1940, ao limpar o curral, dele retirando o esterco, ouviu choro próximo de bebês. Intrigado, ao virar o rosto, buscando a origem do fenômeno, divisou duas crianças tentando sofregamente sair, soverterem-se de dentro de um velho paiol, paredes de pau a pique já carcomidas, bracinhos estendidos, buscando passar dentre as taipas e ripas que lhe serviam de parede.

Ensandecido, o homem dali fugiu, deixando ferramentas e carroça ao chão – e pernas prá que te quero! (Da oralidade local)

## Empresas sociais

Seres humanos – que na visão mecanicista, capitalista são vistos como meras unidades de mão de obra – são, sim, individualidades com as mais diversificadas habilidades, competências e necessidades. Da mesma forma, a visão secular do extrativismo, da predação ambiental – conceitos e linhagens a serem forçosamente revistos, elidindo-se a ideia do lucro abusivo, a qualquer custo, mediante a exploração do homem e da natureza pelo capitalismo animalesco, voluptuoso de todos conhecido.

Os negócios e empreendimentos sociais tornam-se opções para pessoas ou comunidades ditas pobres, com carências básicas: infraestrutura, crédito, mesmo capacitação e qualificação profissional, ação governamental. Para tal, passa-se à utilização do trabalho associativo e cooperativo, dos recursos e insumos locais, das tradições seculares (como agroindústria, artesanato, culinária) como subsídios econômicos-negociais.

O objetivo mor das empresas sociais é gerar negócios criativos, se possível com a poupança local, por menor que seja, reinvestindo-se os resultados (lucros). O lucro obtido permanece na instituição e comunidade, de forma a autofinanciar sua expansão, criar novos produtos e modalidades de serviços demandados. “As empresas devem incorporar um olhar mais criativo, colaborativo e principalmente reescrever e praticar suas missões, exercendo valores que vão além da maximização do lucro” (Muhammad Yunus, fundador do Banco de microcrédito Graameen Bank e Prêmio Nobel da Paz de 2005).

Yunus defende a ideia ou modelo de que os negócios sociais tenham proximidade com várias unidades ou fábricas contíguas, de pequeno porte, aproximando-as da comunidade, que se torna simultaneamente produtora, consumidora, gestora, empregadora, investidora, utilizando-se e maximizando-se os recursos locais (insumos, mão de obra, pequeno capital). Em suma, um projeto de autossustentabilidade econômica, de responsabilidade social e consciência ambiental. Para Yunus, mesmo as empresas de cunho capitalista convencional, necessitam ter uma bandeira social. Do contrário, não sobreviverão ou serão estigmatizadas. Fins econômicos e sociais podem e devem se harmonizar, pois ampliam os resultados financeiros (lucratividade), estimulam a produção e serviços de qualidade, geram acesso a mais consumo, e contribuem para a inclusão social.

Empresa social, diga-se sonoramente, não é instituição de caridade. Ela oferta produtos, serviços, beneficiando sobremaneira a população local; promove receitas sustentáveis, ainda que com pequena rentabilidade, porém sempre reinvestidas na organização, com perspectivas e ampliação de mais benefícios sociais.

As empresas sociais, cooperativadas, são soluções contra a pobreza, o desemprego, o subdesenvolvimento. Não apenas a clássica forma de empregos para se ajudar alguém. E sim o empreendedorismo, pequenos negócios, serviços autônomos ou grupais, funcionando como respostas positivas à dignificação humana, ao fortalecimento econômico, à estabilidade social. Contribuem, ademais, para a solução dos problemas da comunidade, muitas vezes, adotando tecnologias alternativas, a experiência e a prática laboral local, a valorização da cultura e das tradições do meio, a redução de impactos ambientais.

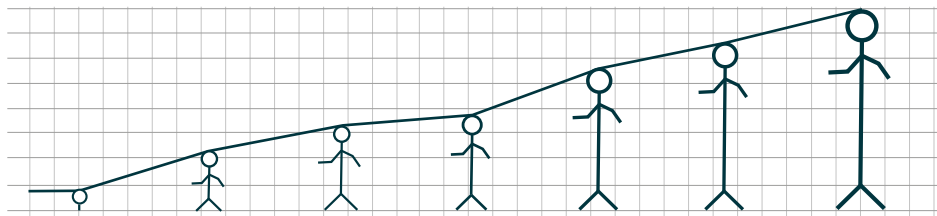
## Dissimulação

A negação, fabulação, dissimulação – daí a mentira – são mecanismos de defesa comuns, próprios do ser humano. Dizem os psicólogos que se trata de um dispositivo inconsciente. Temos o hábito de procrastinar fatos, postergar verdades e assim inventamos justificativas que nos são, em si, desagradáveis, de difícil assimilação. Afinal, não é fácil conviver com o falso, internalizado em nós!

Utilizamos “máscaras”, fórmulas para “irmos vivendo”, e assim não enfrentamos diretamente a realidade, enganando os outros e também sendo enganados. Há aqueles que assumem uma identidade fantasiosa, vivendo no país-do-faz-de-conta, confundindo e ludibriando terceiros, quando não uma nação inteira.

Temos o hábito de “dourar a pílula”, em especial em nossas relações e escolhas. Quantas vezes, nos negamos, obscurecemos a verdade, cerramos os olhos, vislumbrando qualidades, atributos, virtudes em nós, em alguém e quando “acordamos”, eis o engano revelado, defeitos exteriorizados, a dificuldade ou irreversibilidade em se corrigir o percurso!

A negação, embora colabore no suporte à vida, causa-nos muitos desgastes. A verdade, um dia, aflora, desfaz ilusões, coloca-nos a nu, de perfil ante o espelho da realidade, da consciência. Não há como eternizar a negação – provoca-nos angústias, ansiedades internas, uma existência de dupla ou múltiplas faces, até mesmo de degradação social, quando buscamos, a todo custo, ocultar nossa real – por vezes, dolosa – personalidade.



# JOSÉ PEDRO DA MATTA

Um dos mais importantes patriarcas e lideranças de nossa região, no passado, deixando enorme descendência, José Pedro da Matta nasceu em 12/01/1840 na Fazenda da Barra em Conceição da Barra de Minas, filho de Joaquim José da Matta e Maria Clara de Almeida<sup>(1)</sup>. Batizado em 26 de fevereiro do mesmo ano.

Faleceu na Fazenda das Lavrinhas, Município de São Tiago em 16/02/1908, de causa natural, sendo sepultado no Cemitério de São Tiago. Foram seus avós paternos: José Antonio Pereira e Joana Silvéria da Matta<sup>(2)</sup> e avós maternos: João José de Almeida e Teresa Maria de Jesus<sup>(3)</sup>.

José Pedro da Matta era casado com Balbina Lina Viana<sup>(4)</sup>, filha ela de prósperos fazendeiros da região: Joaquim Viana de Souza e Lina Maria Vieira, de cujo consórcio tiveram onze filhos, abaixo discriminados, a maioria deles batizados em São Tiago pelo Revm<sup>o</sup> Pe. Júlio José Ferreira:

I - Joaquim José da Matta Sobrinho ("Quinzinho") (1870-24/08/1928) casado em 1<sup>as</sup> núpcias em São Tiago com Emília Lina Viana (1869-1907), sua tia materna e em 2<sup>as</sup> núpcias com Carmelita Ferreira Viana, sua prima de 1<sup>o</sup> grau<sup>(5)</sup>, ao todo pai de 17 filhos, dentre eles Sansão Augusto da Matta (Zinho Matta), Iris Matta, e Arcanjo Matta, o único dos filhos ainda vivo, atualmente com 88 anos;

II - Adelaide Balbina da Matta (1872-18/11/1925) casada, em primeiras núpcias, com Joaquim Pinto de Barros e em 2<sup>as</sup> com Antonio Bernardino de Barros;

III - José Pedro da Matta Junior ("Juca Matta") (1874-23/01/1935) casado com Albertina das Neves<sup>(6)</sup>;

IV - Jovina Carmen da Matta ("Zica") (25/07/1877-08/12/1953) casada com Luiz Caputo. Com o casamento, passou a assinar Jovina da Mata Caputo<sup>(7)</sup>;

V - Maria Dolores da Matta ("Mariquinha") (1879-1919) casada com Francisco Martins de Souza ("Chico Martins")<sup>(8)</sup>;

VI - Ernestina Balbina da Matta ("Titina") (1880-?) casada com seu primo Antonio Batista Teixeira de Almeida, moradores em Ibituruna<sup>(9)</sup>;

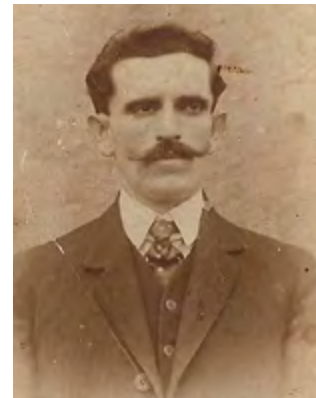
VII - Dorval Augusto da Matta (1881-?) casado com Julieta de Souza Oliveira<sup>(10)</sup>;

VIII - Job Altivo da Matta (1885-16/03/1944) casado com Maria da Conceição Vivas<sup>(11)</sup>;

IX - Balbina Augusta da Matta ("Bibina") casada com Carlos Pereira Santiago<sup>(12)</sup>;

X - Lina da Matta ("Lica"), casada com Geraldo de Souza Oliveira<sup>(13)</sup>;

XI - Cincinato Augusto da Matta (1892-?) casado com sua prima Ester Viana da Costa<sup>(14)</sup>.



José Pedro da Matta Junior (Juca Matta)

## NOTAS

(1) Joaquim José da Matta nasceu em 1801, em Conceição da Barra, sendo batizado na Igreja do Rosário de Lavras, filho de José Antonio Pereira e Joana Silvéria da Matta (1774-?). Casou-se em 1829, aos 28 anos com Maria Clara de Almeida, filha de João José de Almeida (+1847) e Teresa Maria de Jesus (1793-1844). O casal Joaquim José da Matta e Maria Clara de Almeida teve os seguintes filhos: I) Francisco José de Almeida (1831-?); II) Batista José da Matta (1834-1879) III) Iria Carolina da Matta (1836-1904); IV) Maria Teresa da Matta (1837-?); V) José Pedro da Matta, casado com Balbina Lina da Matta; VI) João José da Matta (1842-?); VII) Antonio Francisco da Matta (1844-?) casado com Maria da Conceição Neves; VIII) Joaquim José da Matta (1846-?); IX) Ana Rita da Matta (1848-?); X) Mariana da Matta (1851-1866); XI) Custódio Otoni da Matta (1853-?).

Joaquim José da Matta era rico proprietário em Conceição da Barra e São Tiago. No inventário de sua mulher, datado de 1863, o monte-mór foi de 112 contos de réis e dentre seus bens constavam, dentre bens imóveis e de raiz, a Fazenda da Barra, o sítio do "Moura", um bem sobremaneira curioso - uma ponte sobre o Rio das Mortes, "incluindo quatro esteios e uma linha para reparos" - a Fazenda da Sesmaria e casa de morada em Conceição da Barra.

Os Matta de nossa região tem todos suas origens na Fazenda das Lavrinhas, propriedade anteriormente de Francisco Mendes de Mendonça, comprada por Joaquim José da Matta, em data pouco anterior a 1873, sendo que a terça parte da fazenda ficou para seu filho José Pedro da Matta, onde nasceriam seus filhos.

(2) O casal José Antonio Pereira e Joana Silvéria da Matta tiveram os filhos: I) Joaquim José da Matta, casado com Maria Clara de Almeida; II) João José da Matta, casado com Antonia Maria do Espírito Santo; III) José Joaquim Pereira, casado com Francisca Maria do Espírito Santo; IV) Ana Silvéria da Matta, casada com José Leite de Magalhães; V) Antonio Joaquim Pereira, casado com Maria Jesuina de Jesus; VI) Domiciano Antonio Pereira; VII) Maria Brigida de Jesus, casada com Francisco Ribeiro do Valle; VIII) Luciana Antonia de Jesus, casada com José Ribeiro de Carvalho; IX) Guilhermina, casada com José Gonçalves Braga; X) Luciano Antonio Pereira.

José Antonio Pereira, avô paterno de José Pedro da Matta, era filho do Alferes Domingos Antonio Pereira (1747-?) e de Ana Josefa do Sacramento.

Joana Silvéria da Matta, avó paterna de José Pedro da Matta, era filha de José da Matta (+10/1794) e de Joana Silveria Freire. Além de Joana, o casal José da Matta e Joana Silveria Freire teve outro filho, o Pe. José Freire da Matta, falecido em 20/09/1830 em S. Antonio da Ponte Nova (atual Itutinga), deixando seus bens para seus sobrinhos, filhos de sua irmã Joana.

Os Matta originalmente tinham radicação em Conceição da Barra.

Joana nasceu em São João Del Rei, casando-se em 23/05/1798 com José Antonio Pereira na Capela de Conceição da Barra.

José da Matta, bisavô de José Pedro da Matta, foi proprietário de vastos bens, segundo seu inventário: I) terras minerais de grupiara na paragem do Tejuco, aplicação da Capela de Nossa Senhora da Conceição da Barra, tendo como sócios Eugênio Martins de Melo e Miguel Pereira dos Santos (ou o herdeiro), no valor de 50\$000; II) Casa de morada no Arraial da Conceição, coberta de telha, com quintal murado de pedra e arvoredos frutíferos - 120\$000

Joana Silveria da Matta, avó paterna de José Pedro, era proprietária dos seguintes bens, segundo seu inventário: I) Fazenda denominada "Mato Dentro" composta por matos virgens, capoeiras, campos de criar, casas de vivenda, engenho de cana, paiol, cozinha, senzalas, casa de tenda, casa de pipas, dois moinhos, todos cobertos de telhas, monjolo coberto de capim - 1:700\$000; II) Parte da Fazenda da Chapada, em sociedade com seus filhos João José Pereira e Joaquim José da Matta - 234\$000; III) Forno de ferro de torrar farinha, com o peso de duas arrobas - 9\$600.

(3) João José de Almeida e Teresa Maria de Jesus, avós maternos de José Pedro da Matta, foram proprietários da Fazenda do Bahu em Conceição da Barra e ainda das Fazendas da Barra do Rio do Peixe, Palmital, Bom Jardim partilhadas por seus filhos.

Teresa Maria de Jesus, avó materna de José Pedro, era filha de José de Carvalho Duarte (+1814) e Mariana Antonia de Jesus (+ 1833). O citado casal teve os seguintes filhos: I) Maria Clara de Almeida, casada com Joaquim José da Matta; II) José Francisco de Almeida, casado com Francisca Carolina de Almeida; III) Francisco Ignácio de Almeida, casado com Carolina Leopoldina da Silva; IV) Celestino José de Almeida, casado com Iria Carolina da Matta; V) Ana Custódia de Almeida, casada com Antonio José Teixeira Rios; VI) Lauriana Umbelina de Almeida, casada com Manoel Joaquim de Carvalho.

(4) Balbina Lina Viana era filha de Joaquim Viana de Souza (ver matéria no box) e Lina Maria Viana. Após o casamento, passou a chamar-se Balbina Lina da Mata.

O casal Joaquim Viana e Lina teve os seguintes filhos: I) Joaquim Viana de Souza Filho, nascido em 1851 e era solteiro em 1903; II) Balbina Lina Viana, nascida em 1853, casada com José Pedro da Matta; III) Herculana Lina Viana, nascida em 1855, casada com Custódio Otoni da Matta, irmão de José Pedro da Matta; falecida em 1903, sendo representada no inventário paterno por sua filha única Lina Vianna da Matta; IV) Maria Lina Viana, nascida em 1858, faleceu solteira em São Tiago em 1912; V) Josefina Lina Viana, nascida em 1860, casada com Francisco Alves de Resende; VI) Lina Viana de Souza, nascida em 1862, casada em 1<sup>as</sup> núpcias com Teófilo Rodrigues de Lara e em 2<sup>as</sup> núpcias com João Alves



Balbina Lina Viana

Batista; VII) Ana Augusta Viana ("Donana"), nascida em Ibituruna em 1864, casada com Ladislau Ferreira da Silva; faleceu em Bom Sucesso em 1934; VIII) Delmira Lina Viana, nascida em 1866, casada com Manoel Afonso da Costa; IX) Henriqueta Lina Viana, nascida em 1869, casada com Ernesto Afonso da Costa; X) Emília Lina Viana, nascida em 1869, falecida em 1907; casada com seu sobrinho Joaquim José da Matta Sobrinho; XI) José Augusto Viana, nascido em São Tiago em 1877, aqui falecendo, ainda criança, em 1890 (Informações constantes do inventário de Joaquim Viana de Souza).

(5) Joaquim José da Matta Sobrinho ("Quinzinho") (1870-1928) foi casado primeiramente com sua tia materna Emília Lina Vianna de Souza ("Milota") (1869-1907) e depois com sua prima de 1º grau Carmelita Ferreira Viana, filha de Ladislau Ferreira da Silva ("Lalau") e Ana Augusta Vianna ("Donana"). Ana Augusta Viana era irmã de Balbina. Filhos do 1º casamento de Quinzinho com Emília: I) Joaquim; II) Alice; III) Laura; IV) José Mata; V) Sansão (Zinho Mata); VI) Wanda. Filhos do 2º casamento com Carmelita: I) Orlando; II) Pedro; III) Arquidame; IV) Arcanjo; V) Haidê; VI) Ione; VII) Iris, casada com Walter de Oliveira; VIII) Artidônio; IX) Osvaldo; X) Paulo; XI) Geni.



Joaquim José da Matta Sobrinho (Quinzinho)

"Aos dez de maio de 1890, às cinco horas da tarde, assisti a celebração do matrimônio dos contrahentes Joaquim José da Matta Sobrinho e Emília Vianna de Souza, que, perante mim, receberão por marido e mulher, por palavras de presente, tendo sido previamente dispensados dos impedimentos por consanguinidade em segundo grau attingente ao primeiro e, em quarto duplicado attingente ao terceiro duplicado por Monsenhor Silvério Gomes Pimenta, vigário geral do Bispado a 10 de Janeiro d'este ano e observadas ao Concílio de Trento e Ritual Romano, sendo testemunhas do acto João Celestino de Almeida e Joaquim José da Matta e para constar, faço este assento. Vigor Júlio José Ferreira".

Em 09/06/1907, faleceu Milota e alguns meses após, Joaquim ("Quinzinho") casava-se com Carmelita Ferreira Vianna em Bom Sucesso: "Aos 7 de Setembro de 1907, sendo dispensados dos impedimentos de consanguinidade em 2º grau, se receberam, em minha presença, por marido e mulher Joaquim da Matta Sobrinho e Carmelita Ferreira Vianna".

Quinzinho faleceu em 1928. "Aos 25 de Agosto de mil, novecentos e vinte e oito, foi sepultado no cemitério público deste arraial, Joaquim da Matta Sobrinho com 58 anos de idade, faleceu de pluresia sero febrinosa, conforme atestado apresentado do Dr. José Alves de Andrade – Vigor José Duque de Siqueira".

(6) José Pedro da Matta Júnior ("Juca") casado com Albertina das Neves, tendo os seguintes filhos: I) Ester; II) Judite; III) Anita

(7) Jovina da Matta ("Zica"), nascida em 25/07/1877, casada com Luiz Caputo, tendo os seguintes filhos: I) Sinhá; II) Marina, casada com o sr. Joaquim Vivas da Mata (Zizi); III) José Caputo ("Caputinho"); IV) Odete, casada com o sr. Jasminor Simões Coelho; V) Luiza.

Dª Zica Matta foi uma das mais importantes personalidades da história são-tiaguense. Ver, a esse respeito, matérias em nosso boletim: "Cartas de amor em francês" nº IX junho de 2008 e "O bucho" nº LXXVIII – março/2014.

Assento de batismo – Paróquia de São Tiago "Aos 10 de Setembro de 1877, baptizei solenemente a inocente Jovina, nascida a 25 de Julho d'este ano, filha de José Pedro da Matta e Balbina Vianna da Matta; forão padrinhos José Alexandre de Mello e Malvina Ferreira da Matta e para constar faço este assento. O Vigor (Júlio José) Ferreira". Faleceu aos 08 de Dezembro de 1953.

(8) Maria Dolores da Mata ("Mariquinha"), nascida em 28/11/1878; casada com Francisco Martins de Souza. Filho: I) Mário; Assento de batismo – Paróquia de São Tiago "Aos 5 de Dezembro de 1878, baptizei solenemente a inocente Maria, nascida a 28 de Novembro d'este ano, filha legítima de José Pedro da Matta e Balbina Vianna da Matta; forão padrinhos Joaquim Vianna de Souza e Anna Lina Vianna e para constar faço este assento. O Vigor (Júlio José) Ferreira".



Maria Dolores da Mata (Mariquinha)

Assento de matrimônio – Paróquia de São Tiago "A quatro de Maio de mil, novecentos e sete, feito previamente os proclames, assisti ao matrimônio de Francisco Martins de Souza e Maria Dolores da Mata, que, entre si, solenemente celebrarão com palavras de presente; e forão testemunhas Francisco Ferreira da Costa Carvalho e Dorval Augusto da Matta – Vigor José Duque de Siqueira".

(9) O casal Titina e Antonio Batista teve os filhos: I) Abelardo; II) Aurelino; III) José Batista; IV) Odete, todos com domicílio em Ibituruna.



Ernestina Balbina da Mata (Titina)

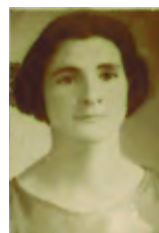


Dorval Augusto da Matta

(10) Dorval Augusto da Matta (1881-1949), casado com Julieta de Souza Oliveira, tendo o casal os seguintes filhos: I) Odete, casada com Antonio Flávio Rocha; II) Anália, casada com Tomáz Ribeiro Filho; III) Maura; IV) Osvaldo; V) Francisco, casado com Geraldina de Oliveira; VI) Antonio; VII) Rubens O. Mata; VIII) Arlete; IX) Renato; X) Márcio; XI) Adelaide

(11) Job Altivo da Matta, casado com Maria da Conceição Vivas. Assento de matrimônio: "A quinze de Maio de mil, novecentos e nove, feito previamente os proclames, assisti o santo matrimônio de Job Altivo da Matta e Maria da Conceição Vivas, que, entre si, celebrarão com palavras de presente e forão testemunhas Antonio Lara e Polibio de Freitas Mourão. O Vigor José Duque de Siqueira".

O casal Job Altivo e Maria da Conceição Vivas tiveram os seguintes filhos: Jalcira, casada com o sr. Chiquito Lara; Joaquim (Zizi Mata); Celina; Célia, casada com o sr. Henrique Paiva; José Alberto; Antonio Belfort; Josafá (Fazinho).



Balbina Augusta da Mata

(12) Balbina Augusta da Mata ("Bibina") casada com Carlos Pereira Santiago, passando a se chamar Balbina da Mata Santiago. Filhos do casal: João Mata; Irene, casada com o sr. João Lara; Antonio Mata; Geraldo Mata; Rosália; Clélia; Onofre Mata; Dalva; Terezinha; Silvia; Alacoque; Áurea; José Mata. Assento de matrimônio: "A vinte e três de Maio de mil, novecentos e oito, feito previamente os proclames, assisti o matrimônio de Carlos Pereira Santiago e Balbina Augusta da Mata, que, entre si, solenemente celebrarão com palavras de presente e forão testemunhas Antonio Morel de Campos Lara e Job Altivo da Matta – o Vigor José Duque de Siqueira".

(13) Lina da Matta ("Lica") (1888-1963), casada com Geraldo de Souza Oliveira. Assento de matrimônio – Paróquia de São Tiago "A vinte e oito de Setembro de mil, novecentos e dez, feito previamente os proclames, assisti ao matrimônio de Geraldo de Souza Oliveira e Lina da Matta que, entre si, solenemente celebrarão com palavras de presente e forão testemunhas Marcos de Oliveira Braga e Francisco Martins Ferreira – o Vigor José Duque de Siqueira".

Geraldo de Souza Oliveira nasceu na Fazenda da Taquara em Resende Costa aos 02/07/1888, filho de Francisco de Souza Resende (1864-1928) e Antonia Amélia da Cunha (1864-1928), neto paterno de Geraldo de Souza Resende (1835-1877) e de Maria Felisberta de Resende (1841-1910), todos naturais de Resende Costa. Maria Felisberta era filha de Felisberto Pinto de Almeida Lara e Maria Libânia de Resende. Felisberto Pinto de Almeida Lara, por sua vez, era filho de Joaquim Pinto de Góes e Lara. Geraldo de Souza Oliveira era neto materno de Antonio Carlos de Oliveira (1840-1910) e Ignácia Cassiana da Cunha (1842-1899), proprietários da Fazenda Rio do Peixe.

O casal Geraldo de Oliveira e Lina da Matta teve os seguintes filhos, em número de 12: I) Raul de Oliveira (1911-1994) casado com Josefina Messias; II) Adélia da Mata Oliveira (1912-2006), casada com o Dr. Henrique Pereira Santiago; III) Edith da Mata Oliveira (1914-2014) casada com Ulisses Alves de Faria; IV) José de Souza Oliveira (1916-1976) casado com Ivone Neffa; V) Isabel da Mata Oliveira (1917-1999) casada com Cicero Viana da Costa; VI) Walter de Souza Oliveira (1918-1999) casado com Iria Ferreira da Mata; VII) Ivan de Souza Oliveira (1922-1988) casado com Herondina de Sá Ferreira; VIII) Hebe da Mata Oliveira (1923), ainda viva, foi casada com Décio Pinto de Almeida; IX) Francisco de Souza Oliveira (1924-2000) foi casado a 1ª vez com Corália Rodarte e a 2ª vez com Ondina Clara Vilaça; X) Alice da Mata Oliveira (1926), ainda viva, casada com Sebastião de Andrade (Tião Ambrósio); XI) Elza da Mata Oliveira (1928) ainda viva, casada com o primo Arcanjo Ferreira da Mata, igualmente ainda vivo, contando 89 anos; XII) Neusa da Mata Oliveira (1931-2001) foi casada com Walter Galli.

O casal Francisco de Souza Rezende e Antonia Amélia de Resende, além de Geraldo de Souza Oliveira, teve os seguintes filhos: I – Antonio Carlos de Oliveira; II – Maria José de Resende, casada com Gabriel Archanio de Resende; III – José Hilário de Resende, casado com Maria das Dores IV – Godofredo de Oliveira; V – Alzira Almira de Resende, casada com João Baptista de Resende; VI – Maria Anunciação Resende, casada com Aristides de Resende Maia; VII – Altiva de Resende, casada com Athaide de Resende Maia; VIII – Ignácia Augusta de Resende; IX – Julieta Augusta Matta, casada com Dorval Augusto da Matta.

(14) O casal Cincinato e Ester teve os seguintes filhos: I) Ilka; II) José Edgar; III) Eny. IV) Zilá; V) Mariquita; VI) Elzi.



Lina da Matta (Lica)



Cincinato Augusto da Mata

## JOSÉ PEDRO DA MATTA

Vereador junto à Intendência de Bom Sucesso -Na obra “História de Bom Sucesso”, autoria de Castanheira Filho encontramos as seguintes referências a José Pedro da Matta:

Elevada da condição de freguesia a Vila pela Lei nº 1883, de 15/07/1872 “em 17 de setembro do mesmo ano, procedeu-se a eleição para a primeira Intendência, sendo eleitos: Intendente o Cap. Antonio Felisberto Vivas e vereadores Major Francisco Ferreira Rodrigues, Alferes Francisco Martins Ferreira e srs. Fortunato Ribeiro Campos, Martinho de Freitas Mourão, José Pedro da Matta e José Fortunato Coelho dos Santos” (op. cit. Pág. 90).

“Pela Lei nº 2002, de 15/11/1873, a Vila de Bom Sucesso foi elevada à categoria de cidade, que só foi instalada em 30 de Dezembro de 1875” (op. cit. Pág. 24).

Esclareça-se que, no período republicano, até 1930, a administração municipal era exercida pela Intendência (Câmara Municipal). Pelo Decreto nº 9768, de 24/11/1930, foi instituído o regime de Prefeituras, sendo os prefeitos, à época da ditadura Vargas – que vigorou até 1945 – nomeados livremente pelo Interventor (governador) do Estado. Dessa forma, José Wanderley Lara foi prefeito nomeado de Bom Sucesso no período de 01/10/1937 a 07/08/1946. O sr. Wanderley Lara é lembrado, entre nós, igualmente por denominar importante via pública (rua) de nossa cidade. Finda a ditadura, convocadas eleições, o Dr. Aurélio Ferreira Guimarães foi eleito prefeito, pelo voto popular, assumindo o seu mandato em 02/05/1948.



**Joaquim Viana de Souza, pai de Balbina Lina Viana e sogro de José Pedro da Matta, era natural de Ibituruna, onde nasceu em 1820, filho de Manoel José de Souza e Cândida Laudegária de Souza. Chegou a São Tiago em 1873, época em que adquiriu a Fazenda das Laranjeiras; alguns anos antes de sua morte, retornou para sua Fazenda Barra do Rio Grande em Ibituruna, onde faleceu em 1903, sendo inventariado no mesmo ano em Bom Sucesso.**

**Casou-se em 1849 com sua prima Lina Maria Vieira, filha de Joaquim Bernardes de Souza e Balbina Lina Vieira, tendo, ao todo, 11 filhos (ver nota nº 4).**

## ADENDOS/ESCLARECIMENTOS DO HISTORIADOR E PESQUISADOR VINICIUS MATA

**(a quem, uma vez mais, somos imensamente gratos).**

Tive, recentemente, acesso à inquirição De Genere de Pe. José Freire da Matta, tio-avô de José Pedro da Matta e, através desse documento, consegui descobrir a origem do sobrenome MATA/MATTA, que passo a expor:

1. A pessoa mais antiga que consegui descobrir dessa família é Manoel de Gouveia, nascido por volta de 1660; era natural da Freguesia de Sobral Pichorro, no concelho de Fornos de Algodres, distrito de Guarda, em Portugal; nessa mesma freguesia, nasceu em um lugar chamado “Quinta da Mata”, portanto, aqui cabe-nos deduzir que o sobrenome Mata é de origem toponímica e terá origem desse lugar da Quinta da Mata. Manoel passou, então, para a Freguesia de Vale do Seixo, concelho de Trancoso, no mesmo distrito de Guarda, onde casa com Catarina Ribeiro, falecida nessa mesma freguesia em 13 de abril de 1704. Tiveram, entre outros (filhos):

2. Manoel Fernandes da Matta, esse é o primeiro a assinar o sobrenome Matta e terá o adotado do nome do lugar onde seu pai nasceu; nasceu em 1691 na mesma freguesia do Vale do Seixo, onde foi batizado em 16 de outubro de 1691; casou-se na freguesia de São Martinho de Celorico, concelho de Celorico da Beira aos 06 de maio de 1715 com Ana Nunes, nascida em 24 de setembro de 1692, filha de João Nunes e de Maria Rodrigues.

Manoel Fernandes da Matta e Ana Nunes deveriam ser pequenos lavradores na freguesia de São Martinho de Celorico e segundo seus registros de óbito, faleceram pobres, ele aos 06 de novembro de 1726 e ela, aos 05 de abril de 1727 e tiveram entre outros:

3. José da Matta, nasceu na freguesia de São Martinho de Celorico em 11 de março de 1722, sendo batizado em 19 do mesmo mês e ano, terá passado ao Brasil por volta de 1755, se instalando na cidade de Conceição da Barra, onde casa aos 26 de novembro de 1761 com Joana Freire (e não Joana Silvéria Freire, era apenas Joana Freire). Joana era natural de Conceição da Barra onde foi batizada em 02 de julho de 1736, filha de Estevão Pereira dos Santos e de Maria Freire; sua mãe era descendente de antigas famílias paulistas que já estavam no Brasil desde o século XVI, como os Moraes de Antas, os Godoy, os Raposo, os Maciel, os Martins Bonilha etc. José e Joana faleceram ambos em Conceição da Barra, ele em 1º de outubro de 1794 e ela aos 26 de junho de 1793, tiveram como já descrito:

4.1. Padre José Freire da Matta, batizado em fevereiro de 1769 em Conceição da Barra; sua inquirição De Genere foi feita em 1797 e está arquivada no Arquivo da Arquidiocese de Mariana, armário 7, pasta 1162, de onde retirei grande parte dessas informações.

4.2. Joana Silvéria da Matta, casada com José Antonio Pereira, são os avós de José Pedro da Matta.

# Cem anos das aparições do ‘Anjo da Paz’ aos pastorzinhos de Fátima (1916-2016)



*Antes das aparições de Nossa Senhora, Lúcia, Francisco e Jacinta — Lúcia de Jesus dos Santos, e seus primos Francisco e Jacinta Marto, todos residentes na aldeia de Aljustrel, freguesia de Fátima — tiveram três visões do Anjo de Portugal, ou da Paz, 1916.*

As extraordinárias aparições de Nossa Senhora de Fátima, na Cova da Iria em 1917, foram precedidas por três visões, no ano anterior, nas quais três pastorzinhos Lúcia, Francisco, Jacinta e ainda três outras crianças tiveram com o “Anjo da Paz” e “Anjo de Portugal” – assim ele se identificou. Tais manifestações permaneceram incógnitas até 1937, quando Lúcia as revelou, pela primeira vez, no texto “Memória II”. A narração mais completa e o texto definitivo das aparições intitulado(s) “Orações do Anjo” foram publicados em “Memória IV”, em 1941. Assim, através dos colóquios com o Anjo, em uma admirável conexão sobrenatural, foram as crianças predispostas, preparadas para o momento posterior das aparições de Nossa Senhora.



Entre abril e outubro de 1916, em Loca do Cabeço, região da Iria, crianças camponesas – Lúcia, Francisco, Jacinta e outras pastorinhas Maria Rosa Matias, Teresa Matias e Maria Justino – presenciaram e participaram de surpreendentes manifestações sobrenaturais protagonizadas por um ser que se intitulava “Anjo da Paz” e “Anjo de Portugal”. Era o prenúncio das aparições de Nossa Senhora de Fátima.

Os contatos ou aparições do Anjo se deram em três ocasiões: A primeira delas, na primavera de 1916, segundo relato de Lúcia, as crianças viram pairar sobre o arvoredado do vale – após uma forte ventania a sacudir as árvores – uma espécie de nuvem alvíssima em forma humana “Uma figura como se fosse uma estátua de neve que os raios do sol tornavam ainda mais transparente, um brilho como o do cristal atravessado pela luz. Era um jovem resplandecente, de rara beleza, aparência de 14, 15 anos, que planava sobre os olivais, vindo em direção das crianças camponesas, tranquilizando-as:

- Não temais! Sou o Anjo da Paz. Orai comigo. Após ajoelhar-se em terra, curvou a fronte até o chão, fazendo os pastorinhos repetirem por três vezes as seguintes palavras: - Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos! Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam.

A seguir, erguendo-se, disse: - Orai assim. Os corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas. E simplesmente, desapareceu, deixando o espírito daquelas crianças, envolto pela intensa atmosfera do sobrenatural.

A segunda aparição ocorreu no início do verão de 1916, sobre o poço da casa dos pais de Lúcia, local onde as crianças tinham o costume de brincar. Narra Lúcia: Fomos, pois, passar as horas da sesta, à sombra das árvores que cercavam o poço. De repente, vimos o mesmo Anjo, junto de nós.

- Que fazeis? Orai! Orai muito! Os corações de Jesus e Maria têm, sobre vós, desígnios de misericórdia. Ofereci constantemente ao Altíssimo, orações e sacrifícios.

- Como havemos de sacrificar? Perguntei.

- De tudo que puderdes, ofereci um sacrifício em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores. Atrai, assim, sobre a vossa Pátria, a paz. Eu sou o Anjo de sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo, aceitai e suportai com submissão o sofrimento que o Senhor vos enviar”. Dito isso, desapareceu. Tais palavras ficaram gravadas no espírito das crianças, que passaram, doravante, “a oferecer sacrifícios ao Senhor tudo que nos mortificava”, no dizer de Lúcia.

No final do verão, princípios de outono do mesmo ano, ocorreria a terceira e última aparição do Anjo e no mesmo local – Loca do Cabeço. Segundo relato de Lúcia, estando em seguidas orações, conforme orientações anteriores do mensageiro angélico, eis que uma luz desconhecida passou a brilhar, rutilante, por sobre as crianças. Era o Anjo se manifestando claramente, tendo à mão esquerda um cálice, sobre o qual achava-se suspensa uma hóstia, da qual caíam algumas gotas de sangue dentro do cálice. Deixando o cálice e a hóstia suspensos no ar, o Anjo prostrou-se por terra, junto às crianças, fazendo-as repetir, por três vezes, a seguinte oração:

- Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus, presente em todos os sacrários da Terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos de Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores”

O Anjo, levantando-se e tomando da hóstia, deu-a a Lúcia, enquanto o cálice deu-o a beber a Francisco e Jacinta, dizendo: - Tomai e bebei o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos! Reparaí os seus crimes e consolai o Vosso Deus. Prostrando-se novamente em terra, repetiu com as crianças, por mais três vezes, a oração “Santíssima Trindade etc.”, desaparecendo, volatizando-se no ar. As crianças permaneceram prostradas, em atitude de oração e quando deram por si, era já noite, retornando, céleres, para casa. A sensação da presença Divina, nessa última aparição, foi maior e mais marcante que nas anteriores. As crianças passaram, desde então, a espiar pelos pecadores, através de sacrifícios, mortificações e de uma vida de assídua oração. Preparavam-se, assim, para as aparições de Nossa Senhora e que iriam marcar, de vez, a história.

## NOTAS

• *Portugal, àquela época, bem como praticamente toda a Europa, estava envolvida na I Guerra Mundial (1914-1918), que promoveu uma das maiores carnificinas de que se tem notícia.*

• *“Anjo de Portugal” (também conhecido como “Santo Anjo da Guarda de Portugal”, “Anjo da Paz”, “Anjo Custódio de Portugal”) é uma das designações atribuídas a São Miguel Arcanjo, ou seja, a essência espiritual na figura de um arcanjo protetor da nação portuguesa. A população portuguesa, desde tempos remotos, sempre se pôs sob a guarda do Arcanjo São Miguel, em devoção e consagração geral.*

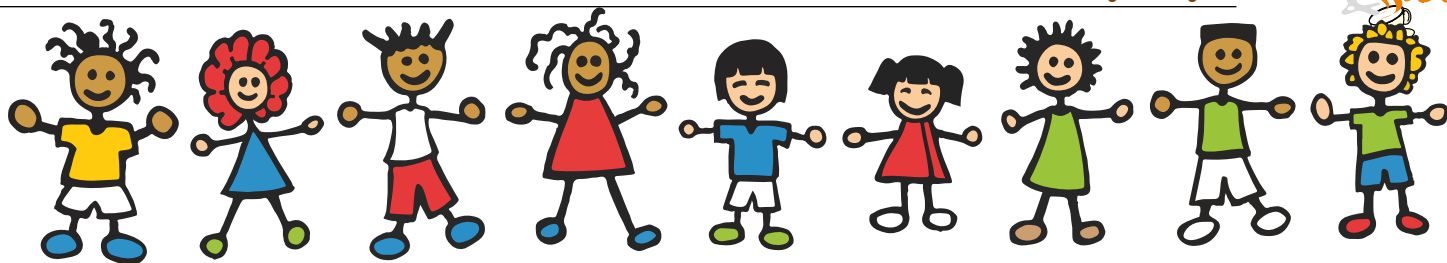
*O culto ao “Anjo Custódio de Portugal”, como protetor da nação portuguesa, data da Idade Média, quando na batalha de Ourique, segundo a fé coletiva, ajudara as tropas de D. Afonso Henriques a derrotar os muçulmanos, consolidando-se assim a independência de Portugal. Em 1504, o Papa Júlio II, a pedido do rei português D. Manuel instituiu oficialmente a “Festa do Anjo Custódio de Portugal”. Sua devoção quase desapareceu após o séc. XVII, mas ressurgiu no séc. XX, com as revelações de Irmã Lúcia (suas aparições às crianças camponesas) e após inserida em 1952 no Calendário Litúrgico Português pelo Papa Pio XII, sendo comemorada no dia de Portugal (10 de Junho).*

*Há o conceito imemorial de que cada cidade, cada povo ou nação, tem o seu anjo protetor ou gênio tutelar. Atribui-se a Sérvio em “Comentários à Eneida de Virgílio 5,95) a expressão “nullus locus sine genius” (Nenhum lugar é sem um gênio)*

*Assim, o “Anjo Custódio” de crença portuguesa, a quem se presta secular preito e gratidão individual e coletiva, é São Miguel Arcanjo manifesto. Há quem afirme que, na hierarquia celeste, São Miguel é um ser “Senhor dos Três Mundos”, com sua atuação “In Divinus” ou seja no Supramundo Espiritual, desdobrando-se no Anjo Custódio “In patris” (isto é, no mundo da alma ou anima), enquanto atuaria como São Jorge “in regnum”, ou seja no inframundo ou mundo físico-material. Enfim, transcendências, metafísicas que nos cabem apenas mencionar...*

• *Sugerimos a leitura do “Sermão do Anjo Custódio de Portugal”, de alto valor literário e religioso, proferido pelo Pe. Manuel da Silva no 3º domingo de Junho de 1677, na Sé Patriarcal de Lisboa e que pode ser acessado pela Internet.*





# FOLGUEDOS INFANTIS

## I - Farinhada

Vou fazer uma farinhada  
Muita gente eu vou chamar (bis)

Só quem entende de farinha  
Pode peneirar aqui (bis)

Vou chamar a Juliana  
Para peneirar aqui (bis)

Só quem entende de farinha  
Pode peneirar aqui (bis)

Um(a) líder é escolhido(a) para ir ao centro peneirar sua farinhada. Todos os participantes devem estar movimentando os braços como se peneirassem farinha, imitando o gesto do líder no centro da roda. Ao chamado do nome de cada criança, no momento determinado pela música, ela deve dirigir-se ao centro da roda, trocando de lugar com o líder e realizar o gesto de peneirar, enquanto o restante da turma, por imitação, peneira conforme o modelo. A cada chamado, o brincante troca de lugar com o outro. A brincadeira termina quando todos tiverem sido chamados.

Lembranças, brincadeiras de infância, entretenimentos de rua de antigamente – eis um acervo, um repertório a ser recuperado, remido, pois envolvem nossas raízes, nossa identidade folclórica, o mundo multicultural de que todos nós, brasileiros, fazemos parte.

Ao transcrevê-las, mormente suas letras, sua linguagem rítmica e cênica, temos em mente, possamos estimular professores, pais, monitores quanto às revivências e resgate do que constituíram diversões, inolvidáveis encantamentos das crianças de outras épocas e ainda como compartilhamento de experiências entre gerações.

O brincar é um direito humano, um direito da criança devidamente garantido em lei. Para atender suas especificidades, necessidades e finalidades vivenciais, em si mesma(s), a criança deve dispor de reconhecimento, de espaço, tempo livre, bem como recursos lúdicos, recreativos, por si educativos.

Através da brincadeira, interage-se com outras crianças e adultos, com objetos diversos, com a natureza. Observam-se regras de convivência, os papéis e diferenças sociais, os valores e normas vigentes de participação em sociedade. Exercita estratégias para lidar com conflitos, frustrações; desenvolve a tolerância, diálogo, reflexão e especialmente de colaboração mútua, solidariedade, respeito, cooperação.

## II - Borboletinha

Borboletinha,  
Está na cozinha  
Fazendo chocolate  
Para a madrinha

Coti, coti  
Perna de pau  
Olho de vidro  
E nariz de pica-pau



## IV - LARANJA

Laranja, oh laranja  
Deixa o suco amarelo! (bis)

Troque o par e deixe o par  
Meu amor é quem te quero  
Troque o par e deixe o par  
Meu amor eu te paquero

São formados dois círculos, um interno e outro externo. Um brincante fica fora, sem par. No círculo de dentro um grupo de crianças ficará sentado para cantar e bater palmas, enquanto no círculo de fora, formando pares com os de dentro, os brincantes aguardam o comando (da música ou ritmo) para trocar de par, para tal circulando na roda, trocando de lugar com o colega de lado. Enquanto todos cantam, a criança sem par brinca, girando em torno da roda, aguardando o momento exato para capturar um lugar. O que perder o lugar, fica sem par e procede da mesma maneira na busca de recuperar ou conseguir um lugar na roda. Poderão depois trocar os grupos.

## III - Cinco formiguinhas

Cinco formiguinhas andando devagar  
Uma entrou no formigueiro  
Quantas faltam para entrar?  
Quatro

Quatro formiguinhas andando devagar  
Uma entrou no formigueiro  
Quantas faltam para entrar?  
Três

Três formiguinhas andando devagar  
Uma entrou no formigueiro  
Quantas faltam para entrar?  
Duas

Duas formiguinhas andando devagar  
Uma entrou no formigueiro  
Quantas faltam para entrar?  
Uma

Uma formiguinha andando devagar  
Ela entrou no formigueiro  
Quantas faltam para entrar?  
Acabou!

Trata-se de uma canção de gestos. As crianças devem cantar, mostrando os dedos, simulando-os como se cada um fosse uma formiguinha. No decorrer da música, esconde-se um dedo de cada vez até que todos estejam escondidos, não restando nenhuma "formiguinha" fora do "formigueiro" – mão fechada.

## V - Mazu

Para dentro e para fora  
Mazu, Mazu  
Para dentro e para fora  
Mazu, Mazu, Mazu

Eu lavo esta janela  
Mazu, Mazu  
Eu lavo esta janela  
Mazu, Mazu, Mazu

Eu escolho meu parzinho  
Mazu, Mazu

Eu escolho meu parzinho  
Mazu, Mazu, Mazu

Eu danço bonitinho  
Mazu, Mazu  
Eu danço bonitinho  
Mazu, Mazu, Mazu

Eu o deixo na roda  
Mazu, Mazu  
Eu o deixo na roda  
Mazu, Mazu, Mazu

Cantiga também conhecida como “Mais um” (“Mazu” é aglutinação ou corruptela de “Mais um”). Estando a roda formada e parada, as crianças cantam a música, batendo palmas suave e ritmicamente. Uma criança (ou mais de uma, conforme o número de participantes) passa entre os demais brincantes, por dentro e por fora da roda, enquanto cantam o primeiro verso. No segundo verso, a(s) mesma(s) criança(s) entra(m) na roda e com as duas mãos girando, andando, faz gestos de lavar janela. A seguir, escolhe um parzinho e “dançam bonitinho”, fazendo gracejos. Após a dança, ela deixa o parzinho na roda, recomeçando a brincadeira.

## VI - O limão que anda na roda

O limão que anda na roda  
Anda de mão em mão, ó limão! (bis)

Ele foi, ele veio  
Ele aqui não chegou  
Lá no meio do caminho  
A princesa tomou  
O limão que anda na roda  
Anda de mão em mão, ó limão! (bis)

Chora, Mané  
Não chora não  
Chora porque  
Não vê o limão (bis)  
O limão que anda na roda  
Anda de mão em mão, ó limão! (bis)

Estando as crianças na roda, passa-se um barbante para que o seguem, com as mãos separadas. Antes de unir com um nó as pontas do barbante, coloca-se um anel que circulará de mão em mão, enquanto todos cantam a música. Inicia-se a brincadeira: os participantes seguram o barbante com as duas mãos juntas e fechadas. Ao começarem o canto, os brincantes abrem os braços até encontrar as mãos dos colegas da esquerda e da direita. A seguir, os braços voltam à posição anterior, mantendo-se sempre o ritmo, a pulsação. O movimento de abrir e fechar os braços deve ser feito por todos ao mesmo tempo. Um participante, previamente escolhido, vai até o centro da roda para descobrir com quem está o anel que passa de mão em mão. Quando o brincante acha que sabe com quem está o anel, ele aponta para a pessoa, que abre então as mãos; se ela estiver com o anel, os dois trocam de lugar. Recomenda-se que o grupo combine com o(s) jogador(es) quantas vezes ele pode tentar adivinhar com quem está o anel e se haverá uma prenda a pagar. A cantiga prossegue ininterruptamente até o anel ser encontrado.

## VII - Lavadeira

O sol vem nascendo ali  
Apareceu uma velhinha assim  
Com a trouxa deste tamanho  
E a água pequenininha

Lava, lava, lavadeira  
Quanto mais lava, mais cheira  
(bis)

O sol vem nascendo ali  
Apareceu uma velhinha assim  
Com a trouxa deste tamanho  
E a água pequenininha

Bate, bate, lavadeira  
Quanto mais bate, mais cheira  
(bis)

O sol vem nascendo ali  
Apareceu uma velhinha assim  
Com a trouxa deste tamanho  
E a água pequenininha

Torce, torce, lavadeira  
Quanto mais torce, mais cheira  
(bis)

O sol vem nascendo ali  
Apareceu uma velhinha assim  
Com a trouxa deste tamanho  
E a água pequenininha

Seca, seca, lavadeira  
Quanto mais seca, mais cheira (bis)

O sol vem nascendo ali  
Apareceu uma velhinha assim  
Com a trouxa deste tamanho  
E a água pequenininha

Dobra, dobra, lavadeira  
Quanto mais dobra, mais cheira (bis)

O sol vem nascendo ali  
Apareceu uma velhinha assim  
Com a trouxa deste tamanho  
E a água pequenininha

Guarda, guarda, lavadeira  
Quanto mais guarda, mais cheira  
(bis)

Cantiga de origem amazônica (Pará). Os gestos da brincadeira acompanham integralmente a letra da música. Assim quando a canção diz “O sol vem nascendo”, as crianças apontam o céu. “Apareceu uma velhinha assim”, imitam a velhinha. “Com a trouxa deste tamanho” abrem os braços. “E a água pequenininha” apontam para o chão como se vissem um corrego. “Lava, lava, lavadeira / quanto mais lava, mais cheira” fazem o gesto de lavar e depois cheiram a roupa. E assim prossegue a brincadeira.

## VIII - OLARIA

A Bel vai ter que entrar  
Na olaria do povo (bis)  
Ela desce como um vaso velho e quebrado  
Sobe como um vaso novo (bis)

O Vander vai ter que entrar  
Na olaria do povo (bis)  
Ele desce como um vaso velho e quebrado  
Sobe como um vaso novo (bis)

A Diana vai ter que entrar  
Na olaria do povo (bis)  
Ela desce como um vaso velho e quebrado  
Sobre como um vaso novo (bis)

Na roda, um brincante denominado “mestre”, chama pelo nome um(a) participante, que ficará no centro da roda, enquanto todos cantam a canção. Na parte que diz “ela desce como um vaso velho e quebrado / sobe como um vaso novo”, a pessoa que está no centro da roda, se abaixa, se levanta, acompanhando a letra da música. O restante do grupo imita o companheiro. Quanto mais esses gestos forem exagerados e engraçados, mais divertido fica. Quando a canção termina, o mestre chama pelo nome outro(a) participante para ficar no centro da roda e assim se reinicia a brincadeira.

# FRUTAS SILVESTRES

Frutas do campo fizeram a alegria da meninada e mesmo adultos do passado. Povoaram, nutriram-nos a infância, fossemos crianças da roça ou habitando a cidade. Pitangas, gabiobas, muricis, ingás, pitombas, araçás, marmeladas, juás, cajus, araticuns. Tinham-se que adentrar matos, carrascais, beiras de córregos, encostas pedregosas, brejos, paludes, o risco de acidentes ou de se encontrar animais selvagens ou peçonhentos, tudo em busca das sedutoras, suculentas “fruitas”, assim as denominávamos.

O desmatamento, o desaparecimento das veredas, brejais e cerrados (transformados em pastagens e lavouras), a desvalorização de nossas tradições culinárias, fizeram com que a magia das frutas campestres se diluísse, apagando-se praticamente de nossas retinas, paladares e olfatos.

Antonio de Lara Resende em suas “Memórias I – do Belo Vale ao Caraça” reporta-se à sua infância e demais irmãos em Resende Costa, em inícios do século XIX: “E não perdíamos araçás, marmeladas de cachorro, guabiobas, mexericos, araticuns, que achássemos por perto, nas voltas que dávamos (...) Não era raro a gente descobrir, assar e saborear bananas do brejo (...) Também nascem lá as bananas do brejo e outras frutas gostosas que gente grãfina nunca viu” (op. cit. pág. 251)

“O pastinho contíguo ao fundo do quintal, além de hospedagem de urgência para os animais de sela e os bezerras, enquanto os pudemos ter, era nosso mais próximo fornecedor de gabiobas, araçás, muricis e marmeladas” (id. pág. 268).

A Saborosa – Uma das frutas mais surpreendentes, assinaladoras de nossa infância, era a “saborosa”, fruto cactáceo de coloração roxo clara, de um sabor e odor inigualáveis. Memorialistas de nossa região assim se referem a esta mágica fruta:

**I - “Saborosa** – este é o nome de uma fruta muito bonita (...) Conheci uma pessoa que a apreciava, era Tio Vico. Os muros do curral da fazenda do Grama eram de pedra e na parte que dividia o pomar era todo tomado de uma planta tipo cactus; suas ramas espinhentas nasciam entre as pedras e cresciam para os lados, para cima, como se o muro fosse todo verde; quando floriam, ficava lindo, as flores grandes, parecendo pequenos gramofones, brancas e perfumadas. São comestíveis em saladas.

Era costume meu ficar, na janela do meu quarto, admirando a beleza suave, romântica de uma noite enluarada e, quando as saborosas floriam, fazia-se um belo espetáculo e o perfume chegava até onde eu estava.

A flor durava apenas três ou quatro dias e caindo, dava lugar à fruta verde e pequena que crescia até o tamanho de uma pera; amadurecendo, tornava-se de um vermelho arroxeado; mimosa, parecia de cetim.

Quando as frutas estavam maduras, Tunico e Hamilton, crianças na época, iam ao quintal, colhê-las e ofereciam ao Tio Vico. Às vezes, ele estava cochilando na cadeira de balanço; emocionado, dizia: - Estes meninos são uns amores, como gostam de mim! Descascando uma saborosa, colocava-a todinha na boca” (Walpirra O. Gomes Bonfadini, “Lembranças que o tempo não apagou”, págs. 30/31)

**II – “As bonitas “saborosas”** – Todo o pomar de nossa casa era cercado por muro de pedra seca, com um meio metro de espessura. Era todo ele coroado de verdes cactos de dupla utilidade. Gostosos frutos para nós e agudos espinhos para quem tentasse violar o tapume. Em certa época do ano se cobriam os cactos de flores delicadas, de cor rosa e branca, das quais saíam as “saborosas”, delicadas e bonitas como as flores de que provinham.

São frutas de um belo verde-escuro a princípio. e, quando maduras, de um roxo-claro característico, que não se vê em nenhuma outra fruta. Muito tenras, mas recobertas de espinhos agudíssimos, semelhando pelotões minúsculos de guardas fiéis do conteúdo claríssimo e não menos doce. Tirada a casca, a Saborosa lembra um ovo de galinha graúdo, muito branco, salpicado de um sem número de sementes minúsculas e negras. Descascada ou não, a Saborosa é um primor para os olhos, antes de o ser para o paladar. Papai e mamãe apreciavam, sobremodo, aquela cactácea. Punham às vezes aquelas frutas num prato em cima da mesa e diziam: - “Vejam que beleza! A gente tem até pena de comer coisa tão bonita!”

Na boca aquele como favo vegetal, em forma de ovo tauxiado de pontos negríssimos, desfaz-se que nem um bloco de espuma e mel.

Eu e Godô éramos encarregados de apanhar as Saborosas quando já bem “de vez”, antes que pássaros e insetos de delicado paladar dessem cabo delas. O trabalho exigia muita cautela e paciência, tal a resistência oferecida pelos tufos de espinhos agudíssimos e distribuídos estrategicamente pela Natureza ao longo do caule e em torno dos frutos.

Era difícil o trabalho, e penoso. Mas, enquanto desenvolvíamos a colheita, íamos também nos pagando com algumas das melhores frutas.

Muito mais difícil era a colheita das poucas Saborosas que nos restavam no trecho de muro que nos separava da propriedade de certos vizinhos. Os tufos de espinhos da cactácea eram ali reforçados por tudo quanto fosse caco de vidro que achássemos. Quem nos dava razão para assim reforçar a defesa do tapume eram os próprios vizinhos. Fosse a sério ou não (penso hoje que era mais para nos “chatear” e gozar as nossas preocupações), o fato é que eles se gabavam de se deliciar com as frutas melhores do nosso pomar. Esta era uma ameaça que sempre nos repetiam: “Meninos, não deixem pular frangos e galinhas para o nosso lado, pois aqui eles esquecem o caminho de volta”. E cumpriram, às vezes, a palavra. Palavra honrada, vê-se logo. “ (Antonio de Lara Resende, “Memórias I – do Belo Vale ao Caraça”, págs. 110/111).



# VIDA

Dom que por Deus nos foi dado  
Para que nós, com cautela e cuidado  
E de posse de nosso livre arbítrio,  
Possamos ordenar, para o bem, nosso destino  
E como seres humanos e conscientes,  
Integrarmos uma sociedade que, por toda gente,  
Deverá se fundamentar no respeito às leis,  
Às pessoas, e a suas respectivas crenças!  
Todo ser vivo luta por sua sobrevivência  
E essa é a prova clara e evidente  
De que nós, aqui, estamos, não por acaso,  
Mas, sim, com o dever de não ficarmos em atraso  
Nessa caminhada tão bonita, pela qual,  
Somos todos, por Deus, escolhidos.  
Não para vivermos como inimigos,  
Mas, na harmonia fraterna, de bons amigos!

Amamos a vida no sorriso da criança  
Que, com sua pureza, nos traz a esperança  
E também com a beleza de sua inocência  
Nós sentimos de Deus, sua Divina presença!  
Para terminar, faço uma oração que tanto enaltece a vida:

“Obrigado, oh Deus, pelo presente da vida e pela graça de viver! Fazem-nos dela bons pastores, ardentes profetas e encantados poetas! E cada manhã seja para nós e para nossos irmãos como se fosse a primeira. E, quando chegar a última, que a vida ainda nos encontre fascinados por sua graça e prontos para a derradeira aventura. Para ela, hoje, abrimos o coração, sempre agradecidos por senti-la e muito felizes por amá-la. Amém!”

(Extraído do livro: *Sabedoria de A a Z*  
*Inverno de 2016*  
Antônio Ribeiro Jackson

## Dos Cavalos

Será que os cavalos acreditam em destino? Talvez não, mas parece que cada um tem o seu.

Sei de um, por exemplo, que sofria bastante, exatamente porque seu dono era muito bondoso; de tal forma que sempre que alguém precisava de um corcel para levar milho ao moinho, buscar fubá, um pouco de lenha ou viajar, ia lá na várzea e o pegava, sem falar absolutamente nada com o Preste, prestativo comerciante ali na antiga saída para Oliveira.

Por isso é que em São Tiago as pessoas não perguntavam: “Você pensa que isto aqui é a casa da mãe Joana?” – diziam: “Você pensa que isto aqui é o cavalo do Preste?”

Outro sofredor era o cavalo do Chico, fazendeiro lá do Jacaré. Quando vinha à cidade, o Chico batia longos papos com as pessoas que ia encontrando, sem nunca apelar, porque desmontar e montar dava muito trabalho; o Chico era dos tais que dão bom dia (boa tarde e boa noite) a cavalo. Teimoso, certa vez, depois de longa conversa com o Zizi, que tentava demovê-lo de uma demanda com os parentes, disse que caso cismasse, enfiaria a cabeça no muro e o derrubaria. Mas, e o cavalo?

Tendo cismado de mudar-se para a cidade, o Chico alugou uma casa do Nhôzinho da Aguada, na rua Doutor Mourão – atual Henrique Pereira; levou também seu rocinante, e pela manhã pegava-o num pastinho próximo; arriava-o, apertava bem a barrigüeira e o amarrava a um esteio, em frente à casa; feito isto, entrava para tomar um café, e depois chegava à janela para observar cuidadosamente a posição do sol – o seu relógio.

Você deve estar pensando que em seguida o Chico colocava o chapéu na cabeça, montava e ia para a roça, não é mesmo? Enganou-se; ele ia para a cozinha e dizia à Nenega, sua mulher, que achava melhor esperar o almoço. E o pobre cavalo amarrado, movimentava as pernas, batia com as patas no chão, executava largas pinceladas com a cauda e sacudia nervosamente a cabeça, esperando que entendessem sua linguagem equina de sinais. Sem água, sem égua, sem ração, sem capim e sem poder largar na cara do dono tudo o que sentia, porque o Chico Cassiano só falava Português, como tantos cavaleiros por aí.

O Baio não se incomodava que seu dono não conhecesse Cava-

lês, mas desejava que ele pelo menos entendesse os sinais.

Tais incompreensões linguísticas são até comuns. Vejam que perguntei a uma vendedora, onde poderia encontrar terno e gravata e ela disse: “Nantoincar prabaperatri- tenteumô diternapór!” Depois de consultar cuidadosamente textos, dicionários, linguistas, horóscopos e até pais de santo, posso traduzir: “Na rua Antonio Carlos, para baixo da loja Imperatriz; tem até um moço de terno na porta.” Perceberam? É claro como água turva e tão fácil quanto chinês!

Mas, voltando ao Chico, após o almoço ele fazia um extenuante exercício preparatório para a “Festa do Café com Biscoito” – que seria criada na cidade muitos anos depois: esgotava um bules com café e devorava biscoitos, sequilhos, broas, broinhas, queijos e semelhantes mais. Então o homem ia de novo à janela observar o sol, que naquelas alturas já brilhava mais fraco lá atrás da casa, como a dizer: - não fique observando só a mim. Preste atenção ao seu amigo amarrado lá fora! Mas ele não entendia também o solês – a língua do sol – e a decisão era quase sempre a mesma: a viagem ficava para o dia seguinte, quando tudo se repetiria.

E lá na fazenda o gado feliz e solto, comendo a roça de milho!

Pelas quatro horas, muitas quitandas e alguns segundos, a sela era retirada do dorso do nobre amigo, que bastante suado já desistira dos movimentos, certo de que não o entendiam mesmo...

Caríssimos! Haverá um dia em que os cavalos continuarão a servir aos Chicos e Prestes, mas os Chicos haverão de respeitar os cavalos, independente da linguagem ou dialeto de cada um. Nesse dia, os cavalos certamente deixarão de nos considerar irracionais! Cavalgandooo!...

Efraim Antonio de Marcos

Fonte: 2ª Antologia  
Escritores & Cia  
Associação dos Escritores  
de Passos e região –  
Passos/MG 2015  
Págs.: 52 a 54

